

Dossiê: Identidades cristãs no mundo romano

Mônica Selvatici*

Por muito tempo na historiografia, a formação do cristianismo foi analisada a partir de duas grandes categorias – judaísmo e helenismo – que, relacionadas entre si, teriam criado “a avenida para o cristianismo”, nas palavras de Johann Gustav Droysen em meados do século XIX. Mais recentemente, sabe-se o quão restritivo este tipo de análise é e, neste sentido, um terceiro elemento tem sido trazido para o centro das discussões: o Império Romano ou, mais genericamente, o mundo romano no qual o movimento cristão nasceu – mundo este com sua ordem política muito específica e as questões socioeconômicas e culturais que a ela se relacionam.

Aliado a este avanço historiográfico, a contribuição dos estudos antropológicos para a análise da identidade cultural permitiu aos teóricos da identidade pensá-la, atualmente, como algo relacional, fluido e plural ao ponto de se compreender que um mesmo indivíduo ou grupo social possa apresentar múltiplas identidades, dependendo do contexto e das relações nas quais está inserido. O emprego deste novo entendimento da identidade sobre o universo das fontes cristãs produzidas no mundo romano permitiu a observação de variadas formas de manifestação da própria identidade cristã ou, nos termos atuais, das identidades cristãs (no plural).

Com o objetivo de ampliar a análise de tais questões, o presente dossiê congrega o trabalho de pesquisadores que discutem esta temática dentro do recorte temporal dos quatro primeiros séculos (sécs. I a IV d.C.) de vida do cristianismo no âmbito do Império Romano.

Dando início aos trabalhos, Paulo Augusto de Souza Nogueira pergunta pelas possibilidades e limites no estudo do cristianismo primitivo a partir da história cultural. A história cultural é entendida, nesse texto, como o mapeamento de categorias mentais pelas quais homens e mulheres pensam e experimentam o mundo. Essas categorias se estruturam como modelos de linguagem. Para que se proceda a essa abordagem é necessário, no entanto, que o cristianismo primitivo seja estudado em longa duração, do período de formação, no século I, até a constituição de redes textuais amplas – com semântica, metafórica e gêneros literários próprios desenvolvidos – até o começo do século IV.

* - Doutora em História – Departamento de História – Universidade Estadual de Londrina

Monica Selvatici, por sua vez, adentra a temática com o recorte espaço-temporal da região da Ásia Menor sob o domínio romano nos séculos I e II. Ela procura analisar a identidade judaica construída pelos judeus da Ásia Menor no século I e as implicações que tal construção identitária tem sobre a formação e composição étnica das comunidades cristãs nesta região. A autora se propõe, em seguida, examinar a construção da identidade cristã em meio às relações conflituosas, sobretudo no século II, que a população grega da Ásia Menor e as autoridades romanas mantêm com os cristãos ali residentes.

Já José Adriano Filho atenta para os obscuros séculos II e III e para fontes não canônicas ao analisar os *Atos Apócrifos dos Apóstolos*. O cristianismo que tais textos representam contrasta com as crenças e poder do mundo greco-romano. Eles têm preocupações apologéticas, missionárias e de edificação, mas rejeitam os ideais culturais e sociais tradicionais em favor de novos ideais. Para o autor, a tentativa de reformular as pressuposições estabelecidas é uma característica que define a identidade cristã representada nesta literatura.

Acerca da manifestação de identidades cristãs específicas no mundo romano do século IV, três casos particulares são estudados:

Julio Cesar Chaves e Louis Painchaud se reportam ao Egito e às compilações de traduções coptas, feitas na segunda metade do século IV, dos textos gnósticos de Nag Hammadi (originalmente produzidos em grego entre os séculos II e III). A abordagem dos autores, que alia a comparação literária à teoria da recepção, se inscreve nos estudos da transmissão e recepção, na Antiguidade tardia, dos textos cristãos em toda a sua diversidade.

Julio Cesar Magalhães de Oliveira perscruta o norte da África e se debruça sobre os diferentes usos que os rumores, os boatos e as conversas informais tiveram na eclosão da controvérsia donatista. Procura, neste sentido, entender o processo que elevou essas histórias de estatuto ainda incerto à condição de crenças que justificavam e delimitavam as fronteiras identitárias entre os cristãos africanos.

Por fim, Gilvan Ventura da Silva enfoca a região da Síria e busca discutir, à luz do pensamento de João Crisóstomo, as características do ofício régio na Antiguidade Tardia, período de consolidação do movimento monástico. João Crisóstomo, ao contrário de seus antecessores, como Eusébio de Cesareia, não concebia o governo do imperador como dotado de qualquer significado religioso especial. O modelo de cristão a ser imitado, em sua opinião, era o monge. Neste sentido, uma de suas primeiras obras é explorada: o tratado *Uma comparação entre o rei e o monge*, composto no início da década de 370, na cidade de Antioquia.

Esperamos que o conjunto dos textos que integram o dossiê enriqueçam as discussões e iluminem novos aspectos das muitas identidades cristãs vivenciadas no mundo romano. Boa leitura!